



III Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Olhares diversos sobre a diferença*

26, 27 e 28 de
outubro de 2011
João Pessoa - PB

O LABOR DA MARÉ: GÊNERO, TRABALHO E COTIDIANO DAS MULHERES PESCADORAS EM PERNAMBUCO

Dimas Brasileiro Veras – IFPB

(dimasveras@hotmail.com)

Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão – UFRPE

(rosarioufrpe@yahoo.com.br)

PROBLEMÁTICA

Os projetos *Gênero, raça e pesca: produção e articulação das pescadoras de Pernambuco* (UFRPE/MDA) e *Ações para consolidar a transversalidade de gênero nas políticas públicas para pesca e aquicultura do MPA* (UFRPE/MPA) datam do ano de 2010-2011. Como práxis extensiva instrumentaliza-se em metodologias participativas (BROSE, 2010) e no aporte teórico que aborda a divisão sexual do trabalho - sobretudo no universo da pesca artesanal (Hirata, 2007)¹ – os presentes projetos têm executado ações afirmativas direcionadas ao fomento da cidadania, às questões de gênero, à consolidação das redes de ajuda mútua formada pelas pescadoras, à preservação ambiental e à geração de renda. Neste sentido foram realizados eventos de sensibilização e de socialização, ambos, comportando capacitações, oficinas, debates e diagnósticos participativos, tendo como participante o grupo Articulação das Mulheres Pescadoras de Pernambuco e as pescadoras associadas ou não às colônias pernambucanas.

As atividades geraram um acervo de dados que foram sistematizados a partir das atividades que comportaram os seguintes temas: gênero, raça e trabalho (pesca); cotidiano produtivo; nutrição e saúde laboral; políticas públicas para as mulheres; organização e produtividade; educação ambiental e sustentabilidade da vida humana; e, finalmente, economia solidária;

¹ Hirata (2007, p. 01) situa a gênese do conceito e suas filiações disciplinares: “Embora a divisão sexual do trabalho tenha sido objeto de trabalhos precursores em diversos países, foi na França, no início dos anos 1970, sob o impulso do movimento feminista, que surgiu uma onda de trabalhos que rapidamente assentariam as bases teóricas desse conceito. Primeiro na Etnologia (Mathieu, 1991; Tabet, 1998), depois na Sociologia e na História”.



III Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Olhares diversos sobre a diferença*

26, 27 e 28 de
outubro de 2011
João Pessoa - PB

O presente artigo tem como objetivo levantar elementos próprios à história do tempo presente das pescadoras artesanais pernambucanas e sua representação como grupo – Articulação das Mulheres Pescadoras de Pernambuco - a partir de suas expressões de gênero no ambiente de trabalho, nas colônias e associações de pescadores/as, bem como de seu cotidiano produtivo, de suas práticas culturais e representações.

Ao descrever densamente as ações positivas vinculadas aos projetos em questão pretende-se circunscrever aquelas situações específicas nas quais as pescadoras expressam os significados que atribuem aos problemas relacionados a gênero e a trabalho. Esta proposta de pesquisa ao mesmo tempo em que pretende traçar um diagnóstico rápido da luta pela cidadania das mulheres pescadoras e suas respectivas colônias, grupos e associações, também busca sublinhar as práticas e as representações culturais da história presente das pescadoras e suas contradições de gênero e trabalho.

A fundamentação metodológica do presente estudo está fincada na proposta de *descrição densa* de Clifford Geertz (1978). A antropologia interpretativa proposta pelo autor esta assentada na análise do conjunto de práticas e relações sociais mediante as quais o corpo social e suas instituições conjugam o real e produzem sentido. A totalidade que compõem o conjunto das práticas e relações sociais foi seccionada em três categorias propostas pelo historiador Roger Chartier (2002): *prática*, *representação* e *apropriação*². Por práticas se entende os gestos mediante os quais homens e mulheres conjugam o real em sua materialidade. No presente trabalho as práticas serão consideradas a partir da descrição do cotidiano da pesca artesanal das mulheres pescadoras e de suas organizações sociais (grupos, associações e sindicatos). O conceito de representação diz das formas mediante as quais as contradições do mundo da pesca artesanal adquirem ou remetem a significados socioculturais coletivos, aqui representações de gênero e trabalho. A representação emerge como a ponta do iceberg da descrição densa das práticas e dos discursos das pescadoras, justamente aqueles valores e significados que as pescadoras atribuem coletivamente ao cotidiano da pesca artesanal e sua relação com gênero. Por fim, a categoria conceitual de *apropriação* apreende os fragmentos de uma totalidade através da qual as práticas e as representações se replicam e se interpenetram fazendo de toda representação um regime simbólico misto.

² Categorias que o historiador francês elabora a partir das leituras de Norbert Elias, Pierre Bourdieu e do próprio Geertz, bem como dos cânones da historiografia francesa: Marc Bloch e Lucien Febvre.



Ademais, as contribuições teóricas e metodológicas para abordagem do universo da pesca artesanal foram extraídas das análises e das experiências publicadas por LEITÃO (2008, 2009, 2010, 2011), Rial (2010) e Manescky (2002 e 2008). As três autoras têm destacado que o tema gênero, raça e o trabalho da pesca ainda é pouco explorado no mundo acadêmico e consiste numa problemática instigante porque o mundo da pesca ainda é considerado um universo masculino, pese a participação das mulheres em diferentes atividades desta cadeia produtiva. A visibilidade destas mulheres está diretamente relacionada a divisão sexual do trabalho e está sujeitada ao universo doméstico, é explícita a dominação em casa ou na rua, seja nas relações familiares, com as Colônias, com outras instituições sociais.

Os dados aqui analisados foram coletados nos relatórios produzidos pela equipe técnica³ dos projetos *Gênero, raça e pesca: produção e articulação das pescadoras de Pernambuco* (UFRPE/MDA) e *Ações para consolidar a transversalidade de gênero nas políticas públicas para pesca e aquicultura do MPA* (UFRPE/MPA). A experiência dos autores(as) junto as pescadoras também foram considerada na elaboração do presente artigo.

DESENVOLVIMENTO

O grupo *Articulação das mulheres pescadoras de Pernambuco*, composto por lideranças políticas de pescadoras pernambucanas, foi criado em 2004, durante a Conferência Nacional das Trabalhadoras da Pesca em Brasília. Desde então, a Articulação tem participado e executado de ações em defesa dos direitos das pescadoras de todo Brasil, muitas vezes ocupando presidências e secretarias das colônias e das associações comunitárias de pescadores artesanais.

Mesmo com todos os desafios, a articulação conta hoje com seis coordenadoras – Josefa Ferreira da Silva (53 anos/ Colônia Z-08 – Cabo de Santo Agostinho), Maria das

³ Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão – UFRPE, Claudia Maria de Lima Socióloga, Iêda Litwak de Andrade César Economista Doméstica, Ivan Pereira Leitão Professor Universidade de Pernambuco, Júlia Xavier Souto (Graduanda em Economia Doméstica, pela UFRPE), Juliana Andrade Leitão Fotógrafa/Jornalista/ Mestre POSMEX, Maria Solange da Silva Socióloga e Rejane Maria de Lima Graduanda, Dimas Brasileiro – Mestre em História. Clodoaldo de Souza Cavalcante Neto – Cientista Social, Fernando Antônio Duarte Barros Júnior – Mestre em Antropologia, Francisco Assis de Andrade Costa – Engenheiro Agrônomo, Pedro Henrique Dias Inácio – Mestre em História, Phelippo de Oliveira Cordeiro Vanderlei – Biólogo.



III Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Olhares diversos sobre a diferença*

26, 27 e 28 de
outubro de 2011
João Pessoa - PB

Neves dos Santos (52 anos/ Colônia Z-18 – Lagoa do Carro), Joana Rodrigues Mousinho (54 anos/Colônia Z-10 – Itapissuma), Lindomar Rodrigues de Barros (52 anos/Colônia Z-09 – São José da Coroa Grande), Cícera Estevão Batista (33 anos/Colônia Z-07 – Rio Formoso) e Iolanda Nunes (Colônia Z-13 – Jatobá) - e ainda não possui registro oficial com CNPJ. No entanto, a não existência jurídica ao longo de quase uma década na impossibilitou que a Articulação se expandisse e executasse ações variadas em defesa da pesca artesanal e dos direitos das mulheres pescadoras.

Certamente, problemas como a divisão sexual do trabalho, as condições precárias de trabalho os danos causados a saúde, a conciliação entre trabalho e militância social, os limites de acesso a instituições e as políticas públicas, os limites socioeconômicos e a dificuldade de integração significam desafios ainda não superados. Em parceria com a Articulação de Pescadoras o Grupo de Pesquisa Desenvolvimento e Sociedade (UFRPE/CNPQ) desenvolveu através de um projeto de extensão⁴ visitas técnicas em colônias e associações de todo Estado de Pernambuco. Nestas visitas as pescadoras Articuladoras e a equipe técnica da Universidade facilitaram oficinas e realizaram diagnósticos participativos com pescadoras do litoral ao sertão do extremo oeste do Estado. Os resultados são dados imprecisos, mas valiosos para apreensão das tensões imediatas relacionadas ao trabalho de mulheres pobres brasileiras que tem como profissão a pesca artesanal.

Por outro lado, o projeto *Ações para consolidar a transversalidade de gênero nas políticas públicas para pesca e aquicultura do MPA* (UFRPE/MPA) tem desenvolvido, também, ações próprias a gênero e pesca em colônias e associações de pescadoras de Pernambuco, Ceará, Santa Catarina, Pará e Paraíba. Com este intuito foram realizados diagnósticos participativos como mulheres pescadoras de todo Brasil cujos resultados permitem traçar um esboço da história presente das pescadoras considerando categorias conceituais de gênero e trabalho.

No campo do trabalho, as pescadoras apenas tiveram o devido acesso a carteira de pescadora artesanal a partir de 1979. Leitão (2010). Viviam, até então, invisibilidades pela representação não pejorativa, mas excludente, de “marisqueiras”. Decerto, as lutas

⁴ Projeto de Extensão pensado no tripé Ensino, Pesquisa e Extensão, assim todas as reuniões são planejadas em função de um aporte teórico, são filmadas e fotografadas. Depois é feita a transcrição das fitas e os dados são sistematizados de forma a dialogar na sala de aula e na elaboração de textos científicos.



III Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Olhares diversos sobre a diferença*

26, 27 e 28 de
outubro de 2011
João Pessoa - PB

iniciadas nos anos 1970, por pescadoras artesanais e por freiras do Conselho Pastoral de Pescadoras (CPP), são fundamentais para compreender as conquistas recentes e a mobilização daquelas hoje. Em Pernambuco, a parceira entre a pescadora Joana Mousinho e a Irmã Nilza resultaria na eleição daquela como primeira presidenta de colônia no Brasil. A religiosa também acompanhou por um tempo as pescadoras da Paraíba.

Naquela época, podia-se escutar na fala das pescadoras a situação de exclusão histórica das pescadora, que, quando indagada pela Irmã Nilza da CPP, respondia: “O cansaço é tão grande depois de passar um dia todo atolada na lama, mordida de mosquitos, no sol quente e... com fome, que a cabeça não dá. Pra gente, o lápis pesa mais do que o remo, pois desde que a gente nasceu que a nossa escola é o mangue e o lápis é o espeto de tirar sururu” Furtado (2010). Se desde então as condições de trabalho permaneceram precárias, por outro lado a regulamentação da categoria articulou novas possibilidades de acesso às políticas públicas e à cidadania. As pescadoras têm reivindicado, portanto, a materialização destas possibilidade que se enunciam de inclusão social da pescadora artesanal e da conquista de direitos próprios a categoria especial. Ainda hoje, problemas como a pobreza, a fome, as questões trabalhistas, a violência contra a mulher e as doenças do trabalho têm feito parte do cotidiano das pescadoras. Neste prisma, indagadas as lideranças da Articulação de Mulheres sobre as condições de formação do grupo, estas tenderam a afirmar a dimensão regional comunitária do mesmo sem com isto desvinculá-la da pauta de reivindicação nacional da categoria como um todo. Sobre os objetivos e as metas do grupo destacaram:

1. A luta pela equidade de gênero no mundo da pesca (“Especificar eventos e espaços de defesa dos direitos das mulheres pescadoras [...] As reuniões das mulheres só acontecem com apoio da CPP”; “Os presidentes de colônias não informam as mulheres e dizem: *pra que se reunir?*”; “União das mulheres pescadoras de forma organizada”);
2. A promoção da cidadania e direitos/deveres próprios à pesca artesanal (“organizar projetos que gerem sustentabilidade”; “discutir direitos e deveres da mulher pescadora; repassar informações”; “as colônias mais próximas se reúnem para resolver os problemas”);
3. A reivindicação por uma ação política suprapartidária das colônias e demais associações de classe (“Conquista de espaços de poder;



III Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Olhares diversos sobre a diferença*

26, 27 e 28 de
outubro de 2011
João Pessoa - PB

- visibilidade da das pescadoras; não deixar que os políticos tomem o poder geral sobre a colônia”);
4. O acesso a programas, projetos e recursos destinados a categoria (“Romper a falta de comunicação e recurso”; “acessar recurso para desenvolvimento da articulação”);
 5. A defesa do meio ambiente (“promover a consciência ambiental”); (2010A, p. 8-9)

O que subjaz à/ao prática/discurso de reivindicação da Articulação estão diretamente relacionados à possibilidade de se concretizar o acesso a pautas básicas dos direitos sociais, civis e políticos como segurança, equidade de gênero, saúde, transporte, cultura, comunicação, participação social e garantias de trabalho. No caso das pescadoras a relação entre saúde e trabalho é bastante insalubre como podemos observar na síntese dos depoimentos das pescadoras presente na seguinte tabela (2010B, p. 46):

Tabela 1 – Oficina Saúde Ocupacional

Quais são as queixas de doenças relacionadas ao trabalho da pesca?	As doença do trabalho das pescadoras são ouvidas pelos médicos?	Alguém se afastou do trabalho para realizar o tratamento?	Como você faz para se afastar do trabalho para realizar esse tratamento?	Já procurou em algum momento a previdência para auxílio doença, auxílio acidentário, auxílio maternidade, aposentadoria?
Coceira vaginal, Dor nos ossos, Unheiro, sarna, Problemas de visão e de coluna, Doenças de pele, problema de estômago, Cortes nas mãos pés e pernas, Enfarto por causa de trabalho excessivo, Pressão alta, Hérnia por transporta aos sacos	Sempre medicam os mesmos remédios (pomada vaginal e para fungos). Pele áspera, com bolhas de água, coceira excessiva e para fungos. Não faz nenhum exame , passa logo a medicação. Raros são os médicos que passam exame. Não tem agente de saúde	Preferem tomar remedos caseiros, pois os médicos passam o mesmo medicamento e também, nunca encontramos os medicamentos nas farmácias do posto e não temos dinheiro para comprar. E preferem usar remédios caseiro: cidreira(calmante); Hortelã miúdo	Geralmente se afastam da atividade por cortes profundos e dependem da ajuda de familiares para se alimentar. Também algumas mulheres com doenças graves(como	O auxílio é sempre negado. Descaso com as pessoas. algumas já conseguiram auxílio maternidade.



III Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Olhares diversos sobre a diferença*

26, 27 e 28 de
outubro de 2011
João Pessoa - PB

e galéias pesadas com o pescado ainda com casca papa casa(muito pesado)	para facilitar o atendimento quando a gente chega no posto. O médico atende vinte(20) pessoas por dia. Para ser atendido no posto tem que ter encaminhamento, Quando o médico pergunta qual a profissão da gente e falamos que é, pescadora eles não acreditam.	(verminose, digestivo); Ortelã graúdo (tosse, cabelo); Babatenol (cicatrizante); arueira, casca de arueira, caju roxo, quixaba, urtiga branca (cozinha tudo junto e usa para inflamação, coceira vaginal e corte); Manjerição com água gelada(para inflamação nos olhos); olho de pitanga ou goiaba(para diarreia).	tumores) sentem muitas dores e não podem se afastar, continuam trabalhando, porque é desse trabalho que se sustentam.	
---	---	---	---	--

Fonte: Relatório UFRPE/MPA, 2010

Os projetos de extensão e pesquisa aqui considerados têm tentado promover técnicas e práticas que reduzam parte significativa dos prejuízos causados às pescadoras artesanais pelo trabalho executado sem os devidos cuidados próprios a segurança do trabalho. No entanto, o acesso à saúde pública e garantias de acidente de trabalho são citados pelas pescadoras artesanais como fator imprescindível neste quesito. Neste sentido, é importante considerar que os diagnósticos participativos apontaram que mais de 90% delas não possui plano de saúde.

A equidade e transversalidade de Gênero têm sido representadas e conjugadas, sobretudo, a partir da participação e democratização das entidades representativas dos/as pescadores/as artesanais: colônias e associações. Embora seja uma minoria, ainda existem em Pernambuco colônias onde as pescadoras são tolhidas de frequentar o espaço físico da colônia. Por outro lado, cresce anualmente o número de presidentas e secretarias de colônias e associações, fato pelo qual, não se pode desconsiderar a mobilização da Articulação em favor desta mudança. Destaca-se a recente conquista de incorporação à categoria das mulheres de pescadores que participam do processo produtivo através do beneficiamento, da circulação e da venda do pescado.



III Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Olhares diversos sobre a diferença*

26, 27 e 28 de
outubro de 2011
João Pessoa - PB

Outros dados traçam um esboço rápido das pescadoras artesanais pernambucanas cuja faixa etária predominante está situada entre os 40-49 anos (52% - 2010B). A maioria das mulheres pescadoras são casadas ou foram casadas e possuem uma média de dois filhos. Todas as pescadoras participantes dos projetos de extensão são associadas a colônias ou associações de pescadores/as. No geral todas trabalham com a coleta de frutos do mar, com o beneficiamento do pescado e com a pesca propriamente dita, sendo esta última menos predominante que as duas primeiras atividades. O acesso ao lugar de trabalho é sempre precário e o pescado é comumente vendido ou servido como alimento nos lares das pescadoras.

CONCLUSÕES

Enfim, as mulheres pescadoras de Pernambuco são trabalhadoras populares que desempenham seu labor com instrumentos artesanais e a partir de uma dinâmica não capitalista de produção numa sociedade regida pelo capital. Basicamente, todas as etapas produtivas - a pesca/coleta, o beneficiamento, a circulação, a venda/troca - são artesanais e durante muito tempo as mulheres participaram marginalmente deste processo e da própria categoria especial. Decerto, a mobilização das colônias iniciadas em parceria com CPP nos anos 1970, é um ponto de incisão para entender a mobilização das mulheres pescadoras de Pernambuco por seus direitos, aqui abordados sobre o prisma de gênero e trabalho. Se por um lado a institucionalização do labor da maré trouxe mudanças positivas para pescadoras/es ao longo destas três décadas, os dados levantados mostram que ainda existem barreiras sociais e políticas a serem conquistadas pelas mulheres pescadoras de todo Brasil. Vimos como estes passam pela inserção produtiva e solidária, pela democratização dos grupos/colônias, pelo fortalecimento das políticas públicas para as mulheres, todas amarradas e direcionadas à superação da invisibilidade marginalizante em que se encontram mergulhadas as pescadoras artesanais do Brasil.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Mary e ABRAMOVAY, Miriam. *Gênero e meio ambiente*. 2ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO/UNICEF, 2005.



III Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Olhares diversos sobre a diferença*

26, 27 e 28 de
outubro de 2011
João Pessoa - PB

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. 2ª Ed. Lisboa: DIFEL, 2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1970.

_____. *Cartas à Guiné- Bissau*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. *Educação como prática da Liberdade*. 30ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FURTADO, Gilmar Soares. *Lançando Rede Tecida e Retecida na Esperança de Garantir Peixe e Sonho: Um Resgate das Ações da Comissão Pastoral dos Pescadores sobre Gênero, Educação e Desenvolvimento Local Na Comunidade de Pescadores de Itapissuma, PE*. Dissertação, Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade – UFRPE, 2010

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HIRATA, Helena e KERGOAT, Danièle. NOVAS CONFIGURAÇÕES DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO. In *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007. Acesso maio 2011, <http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf>

LEITÃO, Maria do Rosário Andrade. Trabalho, gênero e desemprego em Lagoa do Carro. In *Territórios 13*, Bogotá 2005, p.115-132.

_____. Gênero, moda e desenvolvimento social. In *Desenvolvimento Econômico, Territorial e Emprego*. Fortaleza 2005, Rede DETE-ALC, pp. 275-280

_____. (Org.). *Extensão rural, extensão pesqueira: experiências cruzadas*. 1ª. ed. Recife: FASA, 2008. v. 01. 208 p.

_____. (org.). *Gênero e pesca: o papel da mulher no desenvolvimento local*. Recife: Editora FASA, 2008.

_____. Gênero e políticas públicas na pesca artesanal do nordeste brasileiro. Congresso Feminista. Lisboa, 2008.

_____. Políticas públicas de acesso à educação em área pesqueira: análise do programa pescando letras. Congresso Fazendo Gênero. Florianópolis, 2008. CD-Rom. Texto completo.

_____. Gênero e políticas públicas na pesca artesanal de Itapissuma. In: CALLOU, Angelo Brás Fernandes; TAUKE SANTOS, Maria Salett; GEHLEN, Vitória Régia Fernandes (Orgs.). *Comunicação, gênero e cultura em comunidades pesqueiras contemporâneas*. Recife: FASA, 2009.



III Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Olhares diversos sobre a diferença*

26, 27 e 28 de
outubro de 2011
João Pessoa - PB

_____. (org.). 30 anos de registro geral da pesca para mulheres. Recife : Editora FASA, 2010.

_____. Gênero, Geração e Políticas Públicas na Pesca Artesanal. In: RIAL, C. S. (Org.) ; PEDRO, J. (Org.) ; Arend, S. (Org.) . *Diversidades: dimensões de gênero e sexualidade*. Ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 2010, pp 103-123.

_____. Trabalho e Políticas Públicas na Pesca Artesanal do Sertão de Pernambuco. In *As Ciências Sociais em Perspectiva/* organizadores: Márcia Karina da Silva, João Morais de Sousa. Recife: EDUFRPE, 2011, pp 76 - 102.

ALMEIDA, M. P; MANESCHY, M. C. *No mar, nos rios e na fronteira; faces do campesinato no Pará*. 1 ed. Belém: EDUFPA, 2002, v. 1, p. 47-82.

Mulher e participação política na Ilha do Bailique/AP: impasses e perspectivas. In: III Encontro Amazônico Sobre Mulher e Gênero, 2008, Belém.

Mulher e Gênero: as faces da diversidade. Belém: GEPEM/UFPA, 2008. v. III. p. 92-92.

Relatório da Capacitação de lideranças da articulação das pescadoras de Pernambuco - Projeto Gênero, Raça e Pesca: produção e articulação das pescadoras PE. Recife: UFRPE/MDA, 2010.

Relatórios das Oficinas participativas, no Estado de Pernambuco - Projeto Ações para Consolidar a Transversalidade de Gênero nas Políticas Públicas para a Pesca e Aquicultura do MPA. Recife: UFRPE/MPA, 2010.

RIAL, Carmen; PEDRO, Joana Maria e AREND, Silvia Maria Fávero. *Diversidades: Dimensões de Gênero e Sexualidade*. Florianópolis, Editora Mulheres, 2010.

VERAS, Dimas Brasileiro e MENDONÇA, Djanyse Barros de Arruda. Educação popular e reforma universitária: Paulo Freire e a criação do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife (1962-1964) In *Estudos Universitários: revista de cultura da Universidade Federal de Pernambuco*. v. 24/25, n. 5/6. Recife: UFPE, 2004/2009.